

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**FERNANDA LOPES BARBOSA BUENO**

**CARTOGRAFANDO A SÃO PAULO DE ALFREDO MOREIRA PINTO**

**GUARULHOS  
2021**

**FERNANDA LOPES BARBOSA BUENO**

**CARTOGRAFANDO A SÃO PAULO DE ALFREDO MOREIRA PINTO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em História  
Universidade Federal de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Fernando Atique

**GUARULHOS**

**2021**

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Bueno, Fernanda Lopes Barbosa.

Cartografando a São Paulo de Alfredo Moreira Pinto / Fernanda Lopes Barbosa  
Bueno. – 2021. – 56 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Guarulhos:  
Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas.

Orientador: Fernando Atique.

Título em inglês: Mapping São Paulo from Alfredo Moreira Pinto.

**Fernanda Lopes Barbosa Bueno**  
**Cartografando a São Paulo de Alfredo Moreira Pinto**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em História  
Universidade Federal de São Paulo

Aprovação: 08 / 03 / 2021

---

Prof. Dr. Prof. Dr. Fernando Atique  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Luis Antonio Coelho Ferla  
Universidade Federal de São Paulo

---

Drda. Michele Dias  
Universidade Estadual de Campinas

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho para conclusão do bacharelado se deu em contexto inusitado, durante uma pandemia. Talvez uma ironia do destino estudar o impacto das doenças contagiosas no final do século XIX e deparar com uma no ano em que entregaria a monografia.

Agradeço antes de tudo ao meu orientador, Fernando Atique, que esculpiu meu projeto e mesmo na impossibilidade de executá-lo devido as circunstâncias da COVID-19, me orientou em um novo trabalho, me satisfazendo da mesma maneira que o anterior.

Por toda paciência, por todo apoio, espaço e incentivo para eu continuar, ao Professor, Arquiteto e Doutor Fernando Atique, meu muito obrigada.

Um agradecimento em especial ao professor Luis Antonio Coelho Ferla pela paciência em sempre me aceitar em suas aulas como ouvinte e ter a escuta em um momento delicado da minha vida pessoal. Além de poder trabalhar com algo que sempre me chamou atenção, as humanidades digitais, com a proposta e apoio do orientador.

Aos que me fizeram chegar até aqui, agradeço:

A professora Stella Maris Scatena Franco, que se não fosse sua escuta e seu olhar para uma aluna desesperada eu teria desistido no início da graduação devido uma gravidez não planejada. Sem ela eu não estaria aqui.

À professora Claudia Regina Plens, pelas reflexões acerca do intuito de estudar assuntos que venham beneficiar a sociedade, essa sociedade que nos “bancou” e assegurou nossa cadeira na universidade, devolvendo assim nossos aprendizados para melhorar o cotidiano de todos.

Ao professor Odair Paiva, pelas conversas e escuta.

Aos apontamentos do professor Janes Jorge para os primeiros passos da monografia.

Ao professor do curso de Filosofia Medieval Árabe, Jamil Ibrahim Iskandar, pelos cafés e conversas sobre Ibn Sina, e do mesmo curso o professor Eduardo Henrique Peiruque Kickhöfel, com diálogos acerca do Universo. Ambos fundamentais para minha formação e concepção de mundo ao longo do curso.

Aos demais professores da História que exerceram um trabalho ímpar, compondo um curso baseado em olhares plurais, nos preparando como um todo: Rossana Pinheiro-Jones, Andrea Slemian, Patricia Teixeira Santos, Rafael Ruiz Gonzalez, José Carlos Vilaradaga, Mariana Martins Villaça, Ana Lucia Lana Nemi, André Roberto de Arruda Machado, Marcia Eckert Miranda, Samira Adel Osman, Fábio Franzini, Julio Moracen Naranjo, Clifford

Andrew Welch, Edilene Loureço, Fabiano Fernandes, Maria Luiza Ferreira de Oliveira, Bruno Guilherme Feitler, Gilberto da Silva Francisco, Jaime Rodrigues, Rosangela Ferreira Leite, Lucilia Santos Siqueira, Luigi Biondi, e fechando com chave de ouro, com todo carinho e saudades à inesquecível Marcia Mansour D'Alessio.

Nessa caminhada vale ressaltar a máxima “quem tem amigos tem tudo”, e só tenho a agradecer ao Orlando Guarnier Cardin Faria, que sempre esteve ao meu lado desde o início da graduação dizendo para eu não desistir, ao Elias Cardoso da Fonseca da “pedago” e do antigo fretado, é o amigo de todas as horas mesmo do outro lado do oceano, ao Elson Luiz Silva que me recepcionou como caloura e tornou-se companhia para o café nos intervalos, Fernando Costa de Oliveira, James Bispo da Conceição, Kennya Cristina Lages Lucas Pereira, Tiago Souza de Jesus pelas críticas, elogios e apontamentos, Joaquim Wellington Ferreira pelas altas conversas nas pracinhas da vida, Cecília Gonçalves Gobbis, Yara Cristina Mendes dos Santos que se tornou uma irmã, Alan Faustino, Daniela Dias Nunes, Joyce Priscila Delissa Campos que tive a oportunidade de conhecer e ter sua companhia na monitoria voluntária do Centro de Memória, Raphael Augusto de Oliveira Silva, Danielli Souza Cordeiro e Claudia Lopes de Souza que conheci no finalzinho da graduação, Alessandra Regina de Campos (turma de 2019) por tornar meu último ano mais leve com nossas receitas da culinária árabe.

Ao apoio das minhas amigas irmãs, Tiny, Mandinha, Nath e Ellen Nicolau, e meu irmão e compadre que a universidade me deu, Alessandro.

Agradeço à equipe CMPSI, local onde trabalho e o apoio da Cinthya Patrícia Eder Gomes.

E por fim, dedico o trabalho a quem me ama incondicionalmente, que me fez despertar o interesse de conhecer a cidade andando de ônibus elétrico da CMTC, com suas histórias daqui, me amparou durante dias e madrugadas, além de cuidar dos meus filhos para eu viver um sonho: minha mãe.

Ao meu pai que não pode me ver formar, mas preparou todo o caminho.

Aos meus filhos, pela ausência.

*“Os Homens se parecem mais com sua época  
do que com seus pais.”*

*Provérbio Árabe*

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os pontos da cidade de São Paulo no ano de 1900 em que o autor Alfredo Moreira Pinto descreve em seu livro, apontando para as modificações da cidade que recebia o propalado “progresso” nos primeiros anos da República. Para o apontamento desses locais descritos será utilizada a plataforma de código aberto Pauliceia 2.0, utilizando as informações descritas pelo autor com a finalidade de aumentar a base de dados da plataforma e apresentar as modificações com relação à espacialização dos espaços visitados por Moreira Pinto na cidade. Ao contrastar os mapas, fica perceptível o que a literatura aponta com relação às áreas centrais mantendo seus polos financeiros e as áreas periféricas recebendo as indústrias. Também foi possível perceber a intenção de novos locais para residências afastados do centro que outrora fora lugar de desejo da elite. A intenção de cartografar a obra de Alfredo Moreira Pinto atinge seu objetivo em documentar a cidade em 1900, com suas modificações em um curto período, além de propiciar um novo material para novas abordagens dentro do recorte temporal.

Palavras-chave: Humanidades Digitais. Cartografia. Urbanização. Alfredo Moreira Pinto.



## **ABSTRACT**

This work aims to present the spots of São Paulo described by the author Alfredo Moreira Pinto in his book "The city of São Paulo in 1900". For pointing out the described places, the open source platform Pauliceia 2.0 will be used, with the purpose of increasing its database and presenting the changes in relation to the spatialization of the city and the urbanization of the period, based on the author's writings. When contrasting the maps, it is noticeable that the literature points to two poles: the central areas, with a focus on the financial area, and the peripheral areas, focused on industries. Also noted is the exploration of new places for residences further away from the center, which was once a region of elite's desire. The intention of mapping the work of Alfredo Moreira Pinto, aims to illustrate the city of 1900, with its modifications in a short period, in addition to providing material for new approaches within the time frame.

Keywords: Digital Humanity. Cartography. Urbanization. Alfredo Moreira Pinto.

## LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Alfredo Moreira Pinto	P. 17
Figura 2 – Igreja e Largo da Sé por Militão Augusto de Azevedo	P. 20
Figura 3 – Rua Direita por Militão Augusto de Azevedo	P. 21
Figura 4 – Rua Direita por Guilherme Gaensly	P. 22
Figura 5 – Largo de São Francisco por Frédéric Manuel	P. 24
Figura 6 – Largo do Palácio por Frédéric Manuel	P. 25
Figura 7 – Largo do Palácio por Guilherme Gaensly	P. 26
Figura 8 – Largo do Palácio por Guilherme Gaensly	P. 27
Figura 9 – Largo da Assembleia	P. 28
Figura 10 – Largo do Rosário por Guilherme Gaensly	P. 29
Figura 11 – Escola Politécnica por Guilherme Gaensly	P. 30
Figura 12 – Construção do Monumento do Ipiranga em 1888	P. 31
Figura 13 – Museu do Ipiranga por Guilherme Gaensly	P. 32
Figura 14 – Beneficência Portuguesa por Guilherme Gaensly	P. 33
Figura 15 – Asilo de Alienados do Juqueri	P. 35
Figura 16 – Recorte da Planta da Cidade de São Paulo de 1928	P. 37
Figura 17 – Recorte do Google Maps	P. 38
Figura 18 – Mapa apresentando os pontos fabris produzido através do gvSIG	P. 40
Figura 19 – Recorte do mapa de 1897 apontando para a disposição de lotes projetados para residências	P. 41
Figura 20 – Recorte do mapa de 1897 apontando para a disposição de lotes projetados para residências	P. 44
Figura 21 – Mapa produzido através do gvSIG apontando os logradouros	P. 45

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 IMPRESSÕES SOBRE ALFREDO MOREIRA PINTO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 O ESCRITOR E SUA OBRA.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A OBRA: UM GUIA TURÍSTICO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 SÃO PAULO, QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ: UM DOSSIÊ.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2 O MAPA E SEUS LIMITES.....</b>	<b>34</b>
<b>3 A CIDADE TRINTA ANOS DEPOIS.....</b>	<b>39</b>
<b>3.1 PAULICEIA 1900 E PAULICEIA 2.0.....</b>	<b>42</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa colaborar com a base de dados da plataforma Pauliceia 2.0, um projeto elaborado em conjunto com a UNIFESP (campi de Guarulhos e São José dos Campos), O Arquivo do Estado de São Paulo, o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e a *Emory University* (Estados Unidos) com elaboração de um mapa indicando o crescimento da cidade de São Paulo a partir do olhar do geógrafo e historiador Alfredo Moreira Pinto, descrito em sua obra “*A Cidade de São Paulo em 1900 – Impressões de Viagem*”.

A obra utilizada para desenvolver a pesquisa refere-se à segunda edição fac-similada que integrou a Coleção Paulística publicada pelo Governo do Estado de São Paulo em 1979, foi impresso pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo com finalidade de reproduzir a primeira edição publicada no ano de 1900 pela Imprensa Nacional no Rio de Janeiro já esgotada à época. Esta edição conta com as 279 páginas da obra original e mais 57 páginas referente à viagem de São Paulo a Sorocaba, além do prefácio e as notas ao final do livro somando mais vinte páginas.

O cenário de São Paulo nessa época era de expansão territorial para além do Triângulo Histórico o qual era formado pelas ruas Quinze de Novembro, Direita e São Bento, irradiando e abarcando novos distritos fundamentais para o desenvolvimento da antiga cidade.

O primeiro capítulo se limita ao entendimento e busca pelas informações do homem por trás da obra. A biografia de Alfredo Moreira Pinto escrita por José Pedro Leite Cordeiro torna-se primordial para entender o acadêmico, mas carrega um tom de escrita rebuscado devido ao período em que Cordeiro escreve “*Dois Centenários em 1947*” durante o tempo em que esteve no *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Os tons enaltecidos com relação ao bacharel a quem se refere de acadêmico supõe-se que está tão relacionado ao escritor quanto ao personagem biografado, o que não deixa de ser menos interessante.

Escassas são as informações sobre Moreira Pinto, o que deu vazão às buscas em diferentes fontes para tentar completar as lacunas deixadas na breve biografia. Dentre essas fontes, foram consultados jornais com saídas de vapores, notícias de publicações acadêmicas onde as obras de Moreira Pinto eram anunciadas para o ano letivo, notas de falecimentos, e o mais próximo do autor que foi encontrado é o prefácio do *Suplemento aos Apontamentos para o Dicionário Geographico do Brazil*, escrito por um de seus filhos, Justiniano Moreira Pinto, e lançado pela Imprensa Oficial no ano de 1935.

O último e breve histórico do autor, que se torna próximo em conteúdo com relação à biografia, é o prefácio escrito por Byron Gaspar para a obra aqui utilizada, que foi escrito em 1979 e citado anteriormente.

Alfredo Moreira Pinto, em sua obra, descreve uma cidade nova para ele que retornou quase trinta anos depois, vislumbrado com os ares do progresso e a nova arquitetura, e nos contempla com uma recordação do que existiu, um dossiê em que muitas das informações ali contidas não são possíveis encontrar em outros lugares. Essa imagem que o segundo capítulo objetiva trazer para o leitor ao colher informações ao retornar e combiná-las com as fotos históricas de alguns pontos selecionados, de autoria de Militão Augusto de Azevedo, Guilherme Gaensly, Frédéric Manuel e Marc Ferrez, as notícias de jornais da época e a comparação de mapas de diferentes anos, conseguimos (ou tentamos) ilustrar essa cidade apenas, até então, descrita.

Ao longo do trabalho lidamos com dois momentos do autor e um terceiro momento que é a escrita atual e o resultado das junções dos saberes em História e Geografia desembocando nas humanidades digitais que será apresentado no terceiro capítulo, lançando luz aos novos métodos de utilizar todas as informações colhidas ao longo da pesquisa. A Pauliceia de 1900 de Alfredo Moreira Pinto é cartografada através de um programa de georreferenciamento, e apresentada por fim no Pauliceia 2.0, contando a mesma história através de uma nova perspectiva.

## 1 IMPRESSÕES SOBRE ALFREDO MOREIRA PINTO

Nascido em 21 de maio de 1847 no Rio de Janeiro, Alfredo Moreira Pinto era filho de um comerciante, Antônio Moreira Pinto e Dona Venância A. da Silva Pinto, que brevemente ficou órfão de pai e com a família comprometida financeiramente. Suas tias que eram aias da imperatriz Tereza Cristina intercederam sua proteção a Dom Pedro II, e este, por sua vez, custeou os estudos do menino, iniciando uma amizade que levariam até o momento do exílio do Imperador, após a Proclamação da República. O protegido de D. Pedro parece ter demonstrado aptidão aos estudos, bacharelando-se em *bellas-lettras* no ano de 1865<sup>1</sup>.

Foi em 1866 que Moreira Pinto decidiu viajar para São Paulo e estudar na Academia de Direito do Largo São Francisco, onde almejava estar na companhia de “renomados professores e alunos distintos e talentosos”<sup>2</sup>, em especial Joaquim Nabuco<sup>3</sup> que influenciaria o seu posicionamento político, com os discursos abolicionistas que carregaria ao longo da vida<sup>4</sup>.

Mesmo tendo passado pouco tempo no que segundo Ernani Silva Bruno intitulou como “Burgo de Estudantes”<sup>5</sup> na cidade de São Paulo, Moreira Pinto começou a escrever direcionado para estudantes no *Club Científico*, um grupo fundado em 1858, e durante sua permanência ocupou ao lado de Idelfonso de Assis Pinto o cargo de adjunto da diretoria, deixando apenas de contribuir nas publicações no retorno de Exercícios Literários. Para esse episódio, Cordeiro<sup>6</sup> escreve em tom de lamentação o ocorrido ao não aceitarem sua “rica e abundante contribuição” só por estar fora da Academia.

Quando retornou ao Rio de Janeiro no ano de 1867, Moreira Pinto se casou com Dona Luiza Gabina, construindo uma numerosa família, que em sua biografia escrita por José Pedro Leite Cordeiro, atribuiu-se dez filhos.

---

<sup>1</sup> PINTO, Justiniano Moreira. *Traços Biographicos do Autor*, In: PINTO, Alfredo Moreira. *Suplemento aos Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil*. Rio de Janeiro. Imprensa Naciona, 1935.

<sup>2</sup> CORDEIRO, José Pedro Leite. *Dois Centenários em 1947*. Alfredo Moreira Pinto e José Vieira Fazenda. IHGB. São Paulo. p. 10.

<sup>3</sup> Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nascido no Recife em 19 de agosto de 1849, filho de senador, bacharelou-se em Letras no Colégio Pedro II, em 1865 cursou os três primeiros anos de Direito na Academia do Largo São Francisco se formando no Recife. Sua entrada na Câmara deu início à campanha em favor do abolicionismo, que anos depois teria êxito. Afastou-se da vida política após a Proclamação da República, por manter seus ideais monarquistas.

<sup>4</sup> BYRON GASPAS, VII. Prefácio. In: *A cidade de São Paulo em 1900*. Ed. Fac-similada. São Paulo. Governo do Estado, 1979.

<sup>5</sup> BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo: Burgo de estudantes (1828-1872)*. Ed. J. Olympio 1954.

<sup>6</sup> CORDEIRO, p. 12.

Nesse retorno ao Rio, dirigiu um colégio na Rua do Catete e no ano seguinte foi nomeado professor de História e Geografia na Escola Militar da Praia Vermelha, tornando-se catedrático treze anos mais tarde.

Segundo nota no *Jornal do Commercio*, no ano de 1877, Moreira Pinto abriu uma escola na Rua Therezinha, número 4, localizada no Morro Santa Thereza<sup>7</sup>.

É comum encontrar notícias na imprensa indicando que ele contribuiu consideravelmente no campo didático e educacional, em especial quando referem-se às suas publicações no momento de seu jubileamento da Escola Militar apontando que foi um dos que mais contribuíram publicando os compêndios “História Universal” 2ª edição; “Corografia do Brasil” 3ª edição; “Geografia Universal” 2ª edição; “História do Brasil” 2ª edição e “Dicionário Geográfico do Brasil”<sup>8</sup>. Além das obras premiadas na Exposição Pedagógica (1883) e na Exposição de Objetos Escolares (1887-1888) ambos no Rio de Janeiro.

Além da profissão de professor ocupou cargos como inspetor escolar e examinador de bancas de preparatórios. Foi dono e redator do jornal “Século” em 1878, no qual escrevia sobre suas viagens, e, também, para os jornais “Paiz” e “Jornal do Comércio” nos quais escreveu entre os anos 1898 e 1902 sobre suas impressões de viagens à Minas Gerais e São Paulo<sup>9</sup>.

Suas obras sobre viagens eram compostas por saberes diversos: além da topografia apresentavam aspectos culturais, religiosos, arquitetônicos - como nesta obra em análise -, e muitos memorialísticos, ao comparar o antes e o depois das localidades.

Após novembro de 1889 assumiu a direção da Biblioteca Municipal<sup>10</sup> do Rio de Janeiro, e durante esses anos finais do século XIX e início do XX, empreendeu a maioria de suas viagens de campo, colocando em prática os saberes de geógrafo e historiador que possuía. Viajando com recursos próprios, conforme a biografia escrita por Cordeiro, exaltando o feito do autor, que geralmente eram custeados por organizações ou pelo governo para suas pesquisas.

Em 1893 serviu como oficial do Batalhão Republicano na Revolta da Esquadra, condecorado, depois, por Floriano Peixoto.

Moreira Pinto retornou a São Paulo onde, supostamente, “passou uma das melhores épocas de sua vida”<sup>11</sup> segundo Cordeiro, para escrever sobre a cidade que cresceu consideravelmente, imprimindo à sua obra um tom de “guia turístico”.

<sup>7</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 4, 04/01/1877.

<sup>8</sup> CORDEIRO, p. 44.

<sup>9</sup> PINTO, Justiniano Moreira. *Traços Biographicos do Autor*.

<sup>10</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 57, 26/02/1890

<sup>11</sup> Essa memória também aparece no livro aqui trabalhado ao descrever a Faculdade de Direito, p. 106.

Curiosamente, mesmo com toda sua formação em História e Geografia, alicerçada pelos livros de viagens, não chegou a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, participando apenas da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Alfredo Moreira Pinto faleceu no dia 26 de abril de 1903, no Rio de Janeiro. Um obituário publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 28 seguinte, ressaltava seu caráter patriótico e sua vida dedicada ao ensino e produção didática para as escolas da época. O necrológio destacava, também, que seu maior feito era a obra “*Diccionario Geographico do Brazil*”.

### 1.1 O ESCRITOR E SUA PERSONALIDADE

É pertinente salientar algumas informações sobre o autor que ficam explícitas nas obras. Uma é a religiosidade e, a outra, seu posicionamento político de caráter patriótico acentuado, até comum à época.

Alfredo Moreira Pinto deixava evidente qual era sua religião ao concluir suas obras sempre agradecendo a Deus por ter-lhe dado forças para prosseguir, como fez ao final da escrita do “*Diccionário*”, levando Cordeiro a descrevê-lo como “Católico Apostólico Romano”. Um indício que se pode pensar em sua ligação com a religião que seria explicitada diretamente no trabalho, é o fato de ter iniciado o livro que aqui analisamos, pelo tópico “*Egrejas*”, com descrição minuciosa de todos os itens sacros dos templos visitados.

Outra ocasião que reforça as informações contidas nessa mesma biografia, é a publicação no jornal divulgando a doação de livros e incentivo que Moreira Pinto fez para a Irmandade Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito no Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

No que diz respeito ao seu posicionamento político influenciado por discursos abolicionistas e republicanos que carregou consigo até a morte, mesmo mantendo proximidade com um monarca, seria um fato interessante de se analisar.

Constantemente, seus pedidos eram atendidos para além, como descrito em sua biografia, desde que D. Pedro custeou seus primeiros estudos, que dá a entender que a Academia de Direito teve que fazê-lo por si só, por isso retornou à sua cidade natal, onde o monarca sempre lhe dava dinheiro para cobrir os gastos com materiais, de livros até móveis para uma pequena biblioteca que abria<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Jornal “*Gazeta de Noticias*”, Rio de Janeiro, 16/08/1900.

<sup>13</sup> Segundo nota no “*Jornal do Commercio*”, em novembro de 1872 o governo imperial aprecia o serviço prestado por Moreira Pinto ao abrir uma biblioteca pública em Nova Friburgo. Edição 328, 25/11/1872.



O caso que Byron Gaspar destaca na reedição do livro em 1979 e Cordeiro esmiúça em sua biografia talvez seja o mais evidente de seu posicionamento republicano, que vale a pena aqui destacar.

Houve um episódio com o Conde d’Eu, em visita à Escola Militar em que Moreira Pinto lecionava, durante sua exposição de História incorporou na aula sobre Revolução Francesa, a história da Noite de São Bartolomeu, citando o crime cometido por Carlos IX ao atirar escondido de uma das janelas do Louvre contra os que tentavam escapar, levando sua exposição acerca do fato como uma alfinetada contra o Conde que pleiteou o outro lado do ocorrido. A discussão tornou-se uma longa briga, visto que ocorreu no ano de 1882 e estendeu-se até 1889 quando o documento classificado como “reservado” com relação à conduta do professor foi liberado, o qual tinha a intenção de censurá-lo afastando da cadeira que ocupava. Estavam nesse dilema envolvidos além do Conde e o professor, o Comandante Brigadeiro Severiano Martins Fonseca e vários veículos da imprensa carioca que publicaria notícias contra e a favor ao ocorrido.

No ano de 1870, conforme relato do *Jornal do Commercio*, Alfredo Moreira Pinto solicitava dinheiro para completar o valor da alforria de um pardo chamado Lucio, destacando o posicionamento que sempre defendeu pró-abolição. Porém, pouco depois, após a morte de sua sogra, envolveu-se em discussão sobre escravos comprados antes do falecimento dela em 1869, e que não foram entregues. O reclamante, Sr. Antonio Francisco dos Santos Rosa, acusava o bacharel de usufruir dos serviços de graça e não lhe querer entregar o que era de direito. Esta tensão rendeu, assim, algumas edições do jornal que cobriu o desenrolar da história com o juiz a favor do reclamante. A sentença definitiva obrigou a família de Dona Maria José Felicissima Gabina, a sogra de Moreira Pinto, a entregar os escravos<sup>14</sup>. Situação ambígua, mas que não se pode chegar a uma conclusão de onde termina o discurso e entra a prática dos habitantes da Corte, como era o caso do autodeclarado Moreira Pinto, mas que conservava cativos em seu serviço doméstico.

Não foram os ideais políticos que separaram o monarca e o republicano, como relata Cordeiro, D. Pedro estava presente em sua seleção para ingresso na Escola Militar, além de uma sala cheia para escutarem um republicano dissertar sobre o tema da preleção “Cesar, sua vida política, seus feitos militares”, em que Moreira Pinto finalizou com a frase “Quanto à vida política de Cesar, por mim fale o glorioso punhal de Brutus!”, que poderia ser entendido como uma afronta ao regime naquele momento, mas Dom Pedro permaneceu durante toda sua

---

<sup>14</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 344, 14/12/1970.

apresentação e não impediu sua nomeação para a cadeira, mostrando assim sua tolerância e de certo, amizade.

Dom Pedro II e Moreira Pinto mantiveram a relação de amizade contínua. O monarca tinha interesse constante em sua formação e como incentivador da cultura e da ciência que ele era naquele período para o Império, dava ao nosso autor diversos meios e ajuda que seriam expostas mais tarde após a morte do monarca, onde Moreira Pinto agradece por tudo que o “Pedro Alcântara” (em tom bem intimista) e a Imperatriz fizeram por ele.

Por fim, em seus trabalhos, o tom patriótico sempre prevalecia ao exaltar sua terra nas obras que escrevia, e que seria perpetuado por seu filho Justiniano ao escrever o prefácio do *Supplemento aos Apontamentos para o Dicionário Geographico do Brazil* de seu pai, décadas após sua morte.

Em três obras consultadas referentes à vida de Alfredo Moreira Pinto, há uma permanência das informações a serem levadas em consideração no trabalho, sendo elas a profissão de professor, seu caráter religioso e seu patriotismo que aqui no trabalho foi reforçado. Informações predominantes que se tornam pertinentes e importantes de serem colocadas.

Pouco se sabe de Dona Luiza sua esposa, uma nota encontrada no jornal no ano de 1870 faz referência ao falecimento de sua mãe, constando apenas o nome de seus irmãos e ela representada pelo marido, Moreira Pinto. O teor da nota é um agradecimento aos que compareceram no enterro e notificando sobre a missa de sétimo dia<sup>15</sup>.

A quantidade exata de filhos que teve não foi possível confirmar mesmo Cordeiro ter apontado para “dez rebentos”<sup>16</sup>, mas em 26 de janeiro de 1899, como diria a nota no jornal, uma “fatal imprudência”, dez alunos do *Collegio Loureiro*, no Engenho Novo, foram tomar banho de rio, dois desses se afogaram e morreram, um deles, Alfredo Moreira Pinto aos 14 anos de idade, filho do bacharel e seu homônimo.

Sequente ao episódio dos escravos e trocas de farpas nas edições seguintes do jornal no ano de 1870, lê-se que os filhos e genros de Dona Gabina falecida eram os herdeiros legais, assim como Moreira Pinto casado com a filha, que em época ele a representava. Atento para esse fato, contataram que o testamento foi forjado, com a assinatura falsificada feita pelo bacharel, que reconheceu firma para dar veracidade ao documento, e a nota no jornal é encerrada em memória da falecida<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 275, 6/10/1870.

<sup>16</sup> CORDEIRO, p. 16.

<sup>17</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 55, 25/02/1871.

Embora algumas passagens pareçam superficiais com relação ao que Alfredo Moreira Pinto produziu, elas dão uma moldura para o personagem que ficou ocultado pela face pública. Mas estes elementos da vida privada permitem perceber as *demarches* que compõem o olhar do escritor de um dos livros mais impactantes sobre a cidade de São Paulo, e por isso, não nos furtamos em lançá-los aqui.

Figura 1 – Alfredo Moreira Pinto



Fonte: Dois Centenários em 1947

## 2 A OBRA: UM GUIA TURISTICO

*E assim vai êle, páginas afóra, deliciando-nos com seu estilo, com a penetrante acuidade de observador, sem pressentir o magnífico trabalho que prestaria a nós, de gerações posteriores*<sup>18</sup>

Exaltando a “Terra de Piratininga”, Alfredo Moreira Pinto lançou no ano de 1900 suas impressões referentes aos quinze dias que passou na cidade no ano anterior.<sup>19</sup> Sua compilação abrangeu em vinte e quatro capítulos quantidades variadas de “pontos turísticos” além da viagem à Sorocaba<sup>20</sup> com descrições estruturais, os processos legais e algumas críticas pessoais, além de seu saudosismo referente ao período estudantil que tivera na capital paulista. Nesses capítulos de sua mais nova obra discorre sobre a criação da vila até seu desenvolvimento, traçando um panorama sobre o que a cidade de São Paulo se tornou em tão pouco tempo, apontando para as edificações e a nova arquitetura, das igrejas, cemitérios, repartições públicas, instituições educacionais, imprensa, logradouros, e por fim limites distritais.

Publicada, a obra faz menção de agradecimento ao “político e amigo Doutor Manoel Ferraz de Campos Salles, aos seus amigos Coronel Fernando Prestes de Albuquerque e Doutor Peixoto Gomide”, o que revela o círculo de membros da elite republicana que alcançou<sup>21</sup>.

Sua visita à Sorocaba foi um anexo ao trabalho, objetivando coleta de dados para o Dicionário Geográfico segundo o que consta no jornal *O Commercio de São Paulo* no ano de 1898 com seu embarque para o Porto de Santos afim de estudos.

Às portas de ser publicada a obra, sai uma nota no jornal de São Paulo que aposta em um título: “Impressões de viagens na cidade de São Paulo em 15 dias”.<sup>22</sup>

Em junho é publicado oficialmente o título da obra, “A cidade de São Paulo em 1900”.<sup>23</sup>

---

<sup>18</sup> CORDEIRO, p. 15.

<sup>19</sup> Requerimento para publicação do livro “*Monographia da Cidade de São Paulo*”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, edição 357, 24/12/1899.

<sup>20</sup> Será excluído nesse trabalho o relato da viagem à Sorocaba que pertence à publicação, mas não corresponde à área estudada.

<sup>21</sup> Todos os agentes citados na dedicatória que precede o capítulo I possuem o mesmo posicionamento político, inclusive Campos Salles que estudou na Faculdade de Direito dois anos antes de Moreira Pinto.

<sup>22</sup> *Jornal Lavoura e Commercio de São Paulo* em 14/02/1900.

<sup>23</sup> *Jornal O Paiz*, 24 de junho de 1900, Rio de Janeiro.

## 2.1 SÃO PAULO, QUEM TE VIU QUEM TE VÊ: UM DOSSIÊ

Ao invés da antiga vila que conheceu, Moreira Pinto se depara com uma cidade que abraçava uma modificação espacial e demográfica sem paralelos no país. Os signos desta transformação apareciam na iluminação operada pela empresa *Light & Power* que tomou lugar das lamparinas, até os pontos de “*Divertimentos Públicos*” onde antes eram só as igrejas. Assim começa a preparar sua obra para a cidade que lhe acolhera.

Segundo Bresciani, os comentários do autor “estabelecem vivos os contrastes em camadas de memórias sobrepostas e permitam visualizar a cidade em expansão num paralelo com a antiga cidade”.<sup>24</sup> Esse impacto pode ser observado no início do livro, ao exclamar que “era então São Paulo uma cidade puramente paulista, hoje é uma cidade italiana!!”<sup>25</sup>

Seu desembarque é no Brás, onde começam as observações sobre o arrabalde populoso e de pouco asseio, seguindo a direção para a rua Florêncio de Abreu e encontrando o “coração de cidade” onde inicia suas impressões pela igreja da Sé, e aqui será apresentado alguns pontos por onde passou e como os descrevia.

### Sé

Diz o autor que foi a segunda edificada no mesmo lugar, partilhando espaço com a de São Pedro, no mesmo largo.

A frente apresenta um aspecto sombrio e triste; é baixa e sem architectura. Tem quatro janellas, uma torre do lado direito e abaixo desta um relógio. Seu interior é modesto. Na capella-mór tem seis tribunas, dous camarins e um altar com um quadro representando N. S. da Conceição e aos lados S. Pedro e S. Paulo. Ahi ficam 18 cadeiras para os cônegos do cabido e 14 para os capelães. No corpo da egreja, cujo tecto” é ricamente pintado por Almeida Junior, existem cinco tribunas, dous púlpitos e cinco altares de N. S. das Dores, S. João Nepomuceno, S. Miguel, Coração de Jesus e Sagrada Família. Adeante deste ultimo altar fica a rica capella do Santissimo Sacramento com um altar e sobre este painel representando a Augusta Trindade Divina e seis tribnas. A um dos lados da egreja fica a sachristia com um altar e nelle a imagem de San’ Anna.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> BRESCIANI, Maria Stella. Percursos Topográficos e afetivos pela cidade de São Paulo. Memorialistas, viajantes, moradores, literatos e poetas. Revista Redobra. n13, ano 5, 2014. p181.

<sup>25</sup> PINTO, p. 9.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 32.

Figura 2 – Igreja e Largo da Sé por Militão Augusto de Azevedo



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles

Nessa exposição da primeira passagem do livro, intenciona apontar para a ilustração que o autor faz com as palavras para seu leitor, além dos ricos detalhes que deixaram de existir sem registros como este. Para a área externa, é possível ilustrar com a foto de autoria de Militão Augusto de Azevedo<sup>27</sup>, observando a arquitetura ainda de uma cidade colônia que era São Paulo.

Diante dos escritos de Moreira Pinto, a matriz não modificou com o “progresso”, portando assim um aspecto “sombrio e triste”, sem arquitetura que veremos a seguir.

### Rua Direita

<sup>27</sup> Nascido em 18 de junho de 1837 no Rio de Janeiro, trabalhou como cantor lírico e ator antes de visitar São Paulo na década de 1860. Foi em 1862 que registra a cidade e elabora seu primeiro álbum e algumas fotos desse ano se repetiriam na publicação de 1887, o “*Album Comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1887)*”.

Na foto seguinte, registro de Militão no ano de 1862, próximo a data que Moreira Pinto se instala na cidade de São Paulo ao ingressar na Academia de Direito, é essa cidade acanhada que ele conhece.

Figura 3 – Rua Direita por Militão Augusto de Azevedo



Fonte: Acervo Instituto Moreira Salles

E ao retornar em 1899, depara com a estrutura urbana que tomou a pequena cidade, onde se pode observar pela foto de Guilherme Gaensly<sup>28</sup> a seguir.

A cidade já apresentava os “trilhos do progresso”, sua arquitetura se modifica, não apresentam mais os telhados expostos em seus “belos prédios” como descreve o autor no Capítulo XXI, “*Ruas Principaes*”<sup>29</sup>, também, assim como se apresenta o mapa de 1897, como Rua Marechal Floriano Peixoto, caindo nas graças do patriota Moreira Pinto.

<sup>28</sup> Nascido em 1843 na Suíça, mudando ainda criança para a Bahia, onde em 1871 passaria pelo ateliê de Alberto Henschel. Em 1894, a empresa que abriu com seu cunhado abre uma filial em São Paulo, e com seus 50 anos muda sua vida e passa a viver na capital, sendo admitido como fotógrafo oficial em 1899 pela *The São Paulo Railway, Light and Power Company*.

<sup>29</sup> PINTO, p. 224.

Suas notas para a rua são as seguintes:

Há pouco tempo denominada Marechal Floriano Peixoto, em honra ao consolidador da Republica. Começa no largo da Sé, esquina da rua Quinze de Novembro e termina no Viaducto do Chá. É Estreita, fazendo uma curta curva em seu princípio e continua recta até o fim. São-lhe transversaes as ruas José Bonifacio, Bocayuva, S. Bento, Libero Badaró e largo da Misericordia. No quarteirão compreendido entre o largo da Sé e a rua José Bonifacio nota-se uma serie de bellos prédios. Nella ficam a igreja de Santo Antonio, o Banque Française du Brésil, o Banco Commercial Paulista, o hotel França, o esplendido palacete do Barão de Tatuhy e a confeitaria Fazoli. Pareceu-nos ser essa rua a segunda da cidade e mais commercial do que a de S. Bento.<sup>30</sup>

Figura 4 – Rua Direita por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

Academia de Direito do Largo São Francisco

<sup>30</sup> PINTO, p. 228.



Sua escrita além de detalhada, técnica na maioria dos casos descritivos das edificações, se mescla com o tom romantizado ao dirigir-se para descrever o pouco tempo que passou na antiga vila e nostálgicamente se remete a esse período.

Ao descrever a Faculdade de Direito, primeiro tópico do capítulo VI sobre “*Institutos Científicos e Litterarios*”, percebemos a entonação ao iniciar assim:

Que saudosas recordações não me assaltaram o espírito ao transpor os humbras dessa Faculdade, onde passei o melhor tempo da minha vida. Confesso que penetrei nella com lagrimas nos olhos e com o coração dilacerado pelas mais cruciantes saudades.<sup>31</sup>

Outrora faz suas críticas: “o pardieiro que está alojada a Faculdade é o mesmo de sempre”.<sup>32</sup>

De acordo com os relatos de Moreira Pinto, ao descrever o processo de construção e as fases até sediar a faculdade, não apresentou mudanças significativas na estrutura, a novidade que pode ser observada nessa foto de Frédéric Manuel<sup>33</sup> datada cerca de 1902, é a estátua em homenagem a José Bonifácio de Andrada e Silva, instalada em 26 de outubro de 1890, em frente ao convento franciscano e defronte à Rua São Bento.

---

<sup>31</sup> PINTO, p. 104.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 106

<sup>33</sup> Fotografou a cidade para Menotti Levy, editor do “Guia Levy”. Há pouca informação sobre o fotógrafo. Disponível em <<http://brasilianafotografica.bn.br/?m=201508>>

Figura 5 – Largo de São Francisco por Frédéric Manuel



Fonte: Brasiliana Fotográfica

### O Largo do Palácio

A “interferência” de opinião no trabalho técnico está presente ao descrever a área envoltória do Palácio do Governo, no Capítulo V sobre as “*Repartições Públicas*”, onde diz que:

Infeliz foi a ideia de fazerem um jardim em frente ao palácio, o que teria todo o cabimento si fosse para uma casa particular. (...) os jardins ocupam o centro das praças, mas o largo do Palácio tem tão pequenas dimensões, que é uma extravagancia collocar-se um jardim no meio d'elle. (...) as pessoas que forem cumprimentar o Presidente terão que percorrer a pé uma grande extensão do jardim, molhando-se, si estiver chovendo.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> PINTO, p. 70.

Figura 6 – Largo do Palácio por Frédéric Manuel



Fonte: Brasiliana Fotográfica

As imagens de Frédéric Manuel também contribuíram para o entendimento da história do Largo do Palácio, modificado diversas vezes de acordo com as aspirações dos governos que ali passavam.

A comparação da descrição de Moreira Pinto com as fotos levou ao labirinto que era o centro da cidade.

Para a Tesouraria atribui “suas fachadas, filiadas à ordem coríntia (...), oferece um renque de colunas isoladas e coroadas de largo frontão, com três arcadas no primeiro andar (...)”<sup>35</sup>. E para a Secretaria de Agricultura “um pavilhão central mais elevado, ornado de seis altas colunas de estilo coríntio”<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> PINTO, p. 76.

<sup>36</sup> *Idem*, p. 73.

Figura 7 – Largo do Palácio por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

A imagem acima, de Guilherme Gaensly por volta do ano de 1902 retrata o Largo do Palácio do lado direito, em primeiro plano com o prédio da Tesouraria, o segundo a Secretaria da Agricultura, ao fundo a Secretaria de Justiça com entrada para a Polícia Central no mesmo prédio.

Seguindo essa lógica estaria do lado esquerdo a Rua General Carneiro, e defronte ao Palácio como dito no livro, o prédio do Correio Geral.

A segunda rua à direita, refere-se à Rua do Carmo, onde encontra-se a antiga residência da Marquesa de Santos, descrito mais à frente na obra.

Para uma visão mais ampla, Gaensly abrange a área do Largo do Palácio.

Figura 8 – Largo do Palácio por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

### Assembleia

O largo da Assembleia, retratado por Marc Ferrez, mostrando a disposição de dois elementos descritos na obra, a Assembleia ocupando um grande espaço no largo, com dois pavimentos sendo o segundo com onze janelas sendo uma no corpo central, e no primeiro pavimento contam dez janelas e a porta de entrada, acima do segundo pavimento observa-se o relógio e três janelas. Do lado esquerdo na foto a igreja de São Gonçalo, onde se pode contar as cinco janelas de frente, a porta central e duas laterais, sem torres.

Figura 9 – Largo da Assembleia



Fonte: Brasiliana Fotográfica

A partir dessa imagem do Largo da Assembleia foi possível localizar, por exemplo, o Diário Oficial que ao lado da igreja dos Remédios e que ficavam defronte ao largo, contando apenas com a descrição do livro.

### Largo do Rosário

Como observador não apenas do cenário, mas do comportamento, temos o relato acerca da vida que fluía nesses espaços, nesse caso o largo.

É o cérebro e o coração de S. Paulo; é o ponto em que estacionam os bonds, que dahi tomam direcções diferentes. Pena é que seja tão estreito, concorrendo para isso a Egreja do Rosario. Nelle ficam, além de outras casas commerciaes, a confeitaria Castellões e o café *O Ponto*, que são as duas casas onde se reune, principalmente á tarde e á noite, a *-élite* de S. Paulo. No largo formam-se diversos e compactos grupos: em uns discute-se politica, apreciam-se os acontecimentos do dia, hostilisa-se e defende-se o governo; em outros trata-se da pessima situação financeira do paiz, da baixa do café e do cambio, da *debacle* da lavoura e dos meios de melhorar tão afflictiva situação, em outros conversa-se sobre a condemnação de Dreyfus (...). No café *O Ponto* e no *Castellões* ha uma barulheira infernal, fallando-se quase todas as línguas, principalmente a italiana. No *O Ponto* reúnem-se mais italianos, no *Castellões* brasileiros, allemães e fancezes.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> PINTO, pp. 257-258.

Figura 10 – Largo do Rosário por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

Na foto de Gaensly aparece a confeitaria *Castellões*, além de retratar bem a disposição das ruas que fazem junção. Ficando “compreendido entre as ruas S. Bento, Quinze de Novembro, Rozario e S. João”.<sup>38</sup>

Poucos estabelecimentos mantêm o telhado à vista, sendo a platibanda utilizada desde o início do século XIX para esconder tanto o telhado quanto a calha, nesse período já cumpria uma função mais estética, havia uma permanência dos janelões seguindo o pé direito alto das edificações, além de apresentarem a moda dos balaústres em suas janelas, tendo nessa imagem aparecido apenas o Salão União com uma estética mais antiga.

Escola Politécnica

---

<sup>38</sup> PINTO, p. 258.

Dos dois edifícios que registrados, a imagem corresponde ao novo prédio, que Moreira Pinto se refere como belíssimo,

de estylo romano, compõe-se de tres corpos, sendo o central reentrante e os dous lateraes salientes. No corpo central ha cinco janellas no pavimento superior; e um grande saguão sustentado por quatro columnas singelas na frente e duas mais retiradas, duas janellas e tres pequenos portões de ferro no pavimento inferior.<sup>39</sup>

Figura 11 – Escola Politécnica por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

O Museu do Ipiranga

---

<sup>39</sup> PINTO, p. 109.



Nos quinze dias percorridos pelo autor, um dos pontos extremos que visitou foi onde se encontra o Museu do Ipiranga, fazendo suas considerações da edificação nos conta o propósito inicial ilustrado pela imagem de 1888<sup>40</sup> e para qual se destinou.

Figura 12 – Construção do Monumento do Ipiranga em 1888



Fonte: Site do Museu Paulista da Univesidade de São Paulo

O “Monumento do Ypiranga” foi construído para a comemoração da independência do Brasil, apenas em 1893 foi destinado a estabelecer-se como museu, assim escreve Moreira Pinto.

Descrevendo em seguida sua estrutura como

um edifício com 123 metros de fachada, de dous andares e cinco corpos, sendo um central, dous contíguos a este e com cinco belas arcadas e dous nas extremidades. No corpo central acha-se um rico e bellissimo vestíbulo,

---

<sup>40</sup> Não consta a informação do fotógrafo. Disponível no site: <[Museu do Ipiranga | Museu Paulista \(usp.br\)](http://Museu do Ipiranga | Museu Paulista (usp.br))>, acesso em 04/01/2021.

accessível por uma larga escadaria de granito. Compreende tres largas portas no primeiro pavimento e tres janellas no segundo, espaçadas por oito columnas corynthias. Na entrada vê-se vinte e quatro columnas jonicas, sobre as quaes repousa a sala de honra, e duas portas que dão entrada para o interior do edificio (...).<sup>41</sup>

Figura 13 – Museu do Ipiranga por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

A foto mais atual de Gaensly para o então museu, que pode ser identificado sem dúvidas a partir do relato do autor, com todas as composições arquitetônicas.

Foi possível observar como a estrutura da cidade mudou do estilo colonial para uma arquitetura proveniente de inovações técnicas do século XIX, seguindo tendências que os arquitetos traziam da Europa.

Beneficência Portuguesa

---

<sup>41</sup> PINTO, pp. 82-83.

Situado na rua Brigadeiro Tobias, e atribuído ao caráter filantrópico dos portugueses com seus conterrâneos, o autor descreve que

Occupa um bonito prédio á cavalleiro da rua e composto de um corpo central e quatro lateraes. O corpo central tem três portas separadas por quatro columnas, tendo acima da porta de entrada as armas portuguezas encimadas por um medalhão em relêvo, representando a Caridade. Nos corpos intermédios, muito pouco reentrantes, ficam tres janellas em cada um; nos copos extremos, muito pouco salientes, uma janella em cada um e em nichos quatro estatuas, sendo as duas do lado direito, de quem entre para o edificio, do Infante D. Henrique e Pedro Alvares Cabral e do lado esquerdo, de Camões e Vasco da Gama.<sup>42</sup>

Figura 14 – Beneficência Portuguesa por Guilherme Gaensly



Fonte: Brasiliana Fotográfica

Pouco exemplares apresentados no capítulo fogem à regra da arquitetura do final do século XIX, mantendo assim um padrão estético que foi levado em consideração nas críticas de

<sup>42</sup> PINTO, p. 158.

Alfredo Moreira Pinto ao apontar que a simplicidade ou mau gosto da edificação está atrelado a arquitetura colonial.

## 2.2 O MAPA E SEUS LIMITES

O resultado da pesquisa silencia alguns pontos que merecem destaque devido a área trabalhada não constar nos mapas consultados de 1881 a 1928.

### Horto Botânico

A área do Horto Botânico<sup>43</sup>, que faz parte do município, mas não aparece nos mapas, situa-se na Cantareira e segundo o autor é o antigo Sítio da Pedra Branca, foi desapropriado e na época estava sob os cuidados do sr. Alberto Löfgren, um botânico que pertencia a Comissão Geográfica e Geológica do Estado. Destinava-se a obter dados de clima, solo e hidrologia.

Uma hipótese de rota, seguindo o olhar no mapa de 1897, para acessar o local seria necessário atravessar a Ponte Grande no sentido Rua Voluntários da Pátria e seguir pela Rua da Cantareira, no caso do mapa de 1897, e bem distante estaria o Horto.

### Asilo dos Alienados no Juqueri

O Asilo de Alienados no Juqueri, que foi incorporado ao município da capital em setembro de 1899<sup>44</sup> é outro ponto que merece destaque referente à área que o autor visitou e se encontra fora da vista urbana, mas que é uma extensão da linha de ferro Inglesa, a estação do Juquery.

Idealizado, fundado e administrado pelo Dr. Francisco Franco da Rocha, o complexo que o autor retrata com “notável salubridade” foi desenvolvido pelo arquiteto Ramos de Azevedo, de alvenaria de tijolos sobre embasamento de pedra ordinária<sup>45</sup>, seguindo as normas de higiene. Além do extenso espaço que está o asilo, a descrição de Moreira Pinto incorpora que havia, além de pomares, uma área para o trabalho agrícola e uma olaria.

Nos primeiros anos da República houve um processo de imbricamento entre a medicina e as ciências sociais, baseando-se no *spencerismo* que trazia como justificativa da degeneração

---

<sup>43</sup> PINTO, p. 169.

<sup>44</sup> *Idem*, p. 148.

<sup>45</sup> *Idem*, p. 151.

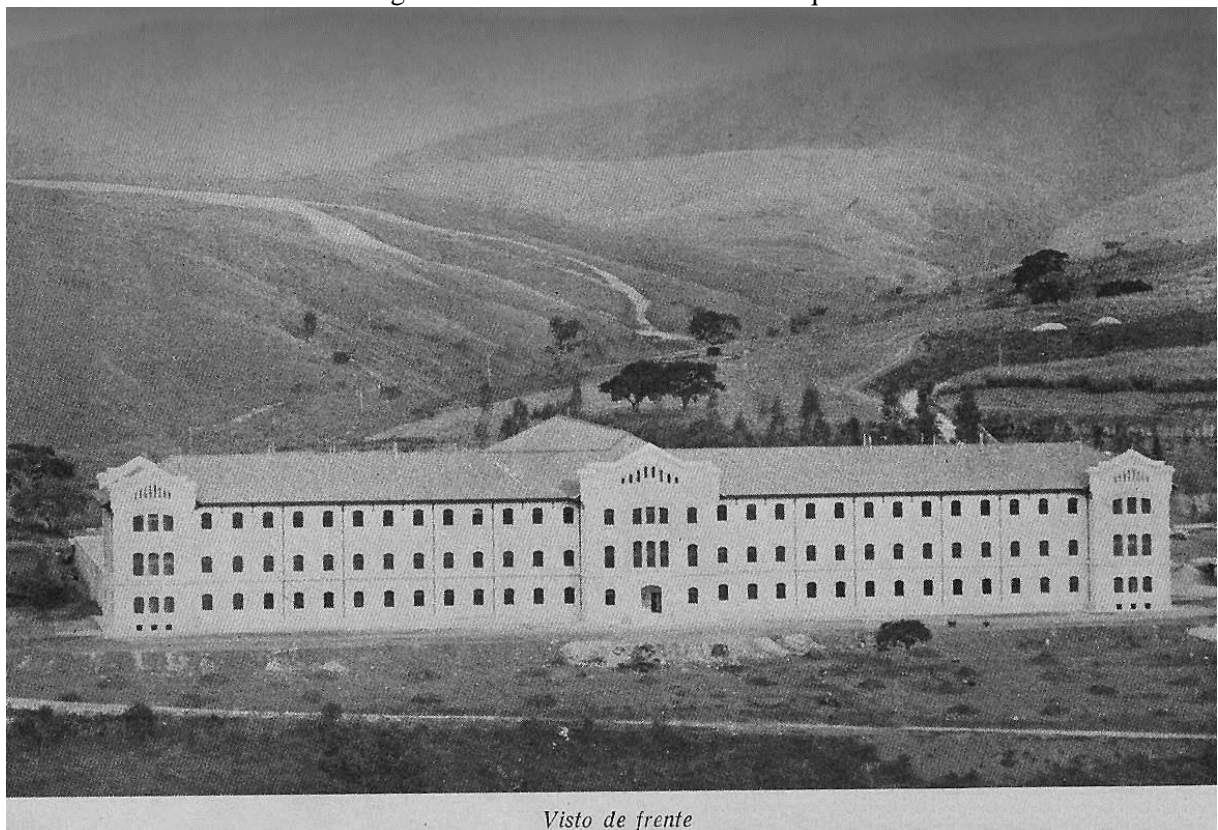
os estudos baseados na corrente do *darwinismo* social<sup>46</sup>, logo a medicina atrelada ao ideal de desenvolvimento encontraria meios para as melhorias da cidade pautada na afirmação da criação de uma identidade, para o país consolidar-se como nação. Essa degeneração provinha da genética nessa linha de pensamento, e a imigração de indivíduos de sangue europeu era justamente para desfazer a mistura de raças e embranquecer a população.

Comum à época, os estudos eugênicos contribuíram para a criação de asilos e afins, escondendo tudo o que era indesejável à sociedade e que precisavam para progredir.

Franco da Rocha, que o autor cita, idealizou um complexo que se aproximava de uma cidade porque eles não estavam aptos a viver com os demais, dando toda infraestrutura para que produzissem.

A questão da produção também provém de ideais promovidos pelas santas Casas, onde o homem se dignifica através do trabalho, o que justifica as áreas para semear e olarias no complexo.

Figura 15 – Asilo de Alienados do Juqueri



*Visto de frente*

Fonte: Revista do Arquivo

---

<sup>46</sup> RIBEIRO, Paulo Silvino. Franco da Rocha e a publicação de duas ideias: uma análise do meio social na explicação etiológica da loucura. Cadernos de História da Ciência, v. 6, n. 1. São Paulo, jan/jun, 2010.

Não foi possível apontar no mapa trabalhado através do gvSIG o asilo, ele já estava afastado da cidade, longe das vistas, cumprindo sua função.

Quanto sua estrutura o autor diz

O typo adoptado para a distribuição dos serviços é o de pavilhões isolados, communicando-se por meio de galerias cobertas. Os diversos edificios estão dispostos em tres planos, acompanhando a declividade do soloe, ligados por muros exteriores, fecham um recinto com a superfície de 56.600 metros quadrados. Fóra deste recinto estão estabelecidas as officinas de applicação, em que especialmente os homens podem exercitar as suas aptidões. Os trabalhos de agulha e outros para as mulheres são feitos em salas de descanso de seus respectivos pavilhões (...).<sup>47</sup>

### Clube Germânia

A busca da localização do *Club Germania* se amparou nos mapas de 1928 e no Google Maps atualizado a título de comparação, levando em consideração a história do clube, que atualmente é conhecido como Clube Pinheiros.

Desde sua fundação permaneceu no mesmo local, próximo ao Rio Pinheiros, pois o clube era de futebol de várzea e assim como outros clubes na época, era o entretenimento dos colonos, nesse caso da colônia alemã e só teve seu nome trocado durante a Segunda Guerra Mundial com a finalidade de não ser associado ao nazismo.

A possibilidade de localizar o clube deve-se ao formato da área e dos lotes correspondentes ao Jardim Europa, sendo o endereço do clube uma travessa da extinta Rua Iguatemi.

---

<sup>47</sup> PINTO, p. 149.

Figura 16 – Recorte da Planta da Cidade de São Paulo de 1928

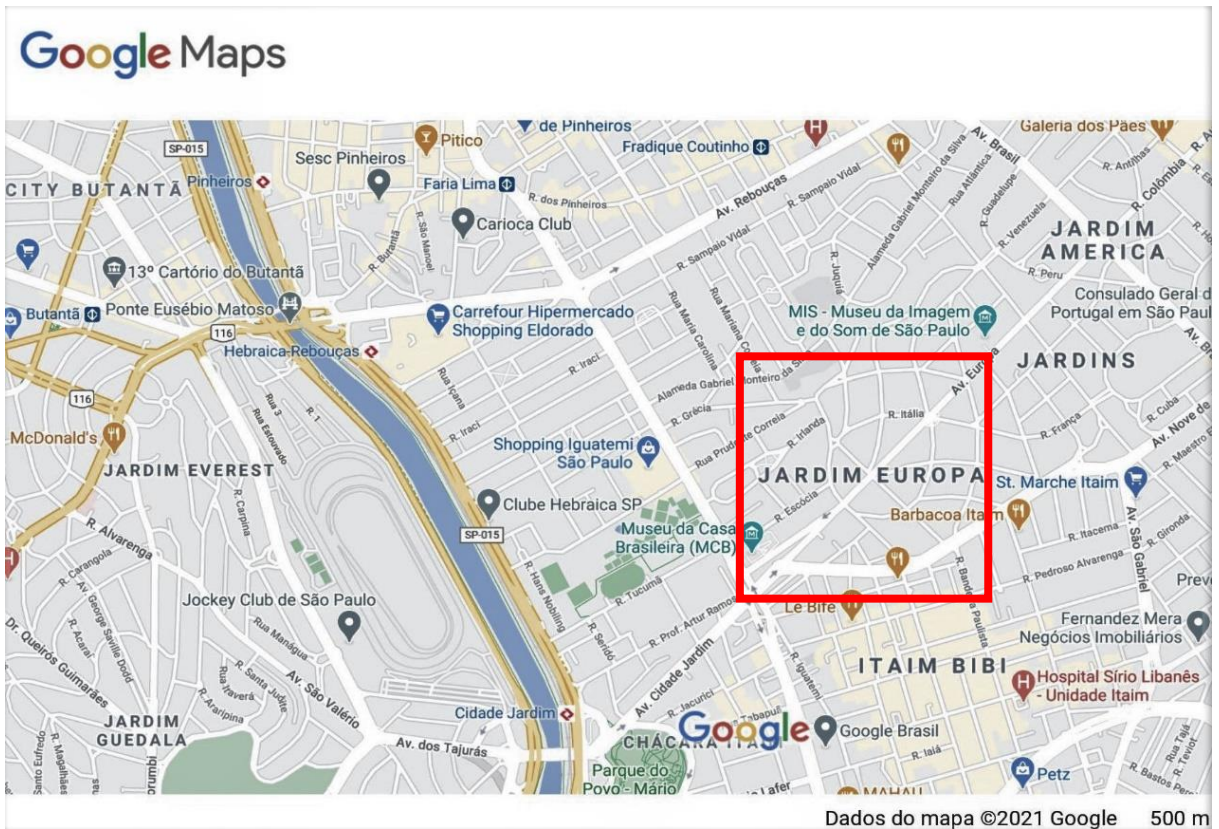


Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Através desse exemplo observa-se como a cidade foi modificando suas características arquitetônicas, mas mantendo seu formato com relação as áreas e lotes construídos.

Recorte aproximado do mapa de 1928 apontando para as áreas planejadas dos “Jardins” para comparação no mapa atualizado, demonstra a permanência dos lotes.

Figura 17 – Recorte do Google Maps



Fonte: Google Maps



### 3 A CIDADE TRINTA ANOS DEPOIS

Moreira Pinto, em seu relato de viagem deixa bem claro, mesmo sem a intenção na época em que escreveu, algumas questões que pesquisadores têm levantado quanto ao crescimento e fases que a cidade passou em tempo recorde.

A obra se torna um dossiê do que um dia existiu e que se modificou, tendo o leitor a oportunidade de observar as mudanças e permanências nesse processo de crescimento, que segundo Byron Gaspar se torna uma obra preciosa por relatar vias que já desapareceram para dar lugar a pontes, viadutos, praças e ao metrô<sup>48</sup>.

O aumento populacional acelerado num espaço curto de tempo, justifica o recorte estudado, assim como outros autores se debruçaram nele com lentes diversas para interpretá-lo, aqui tentamos fazer um arranjo da mentalidade de época que influenciou politicamente nas medidas adotadas para esse crescimento, levando em consideração o cenário europeu, tendo em mente o neocolonialismo e a segunda revolução industrial.

O tempo que Moreira Pinto passou longe de São Paulo, respirou o fim do Império, com suas convicções republicanas, porém nesse momento em que o exílio da família real foi a deixa para importarem um sistema político que não era condizente com a dinâmica do país, causando um descompasso<sup>49</sup> entre esses conceitos com a realidade, mantendo assim uma oligarquia que demoraria a deixar o poder. O pensamento político nesse momento de ruptura era dos mais controversos se levarmos em consideração os exemplos de ideais políticos tratados desde o início deste trabalho, como Joaquim Nabuco, que mantinha um discurso abolicionista, mas era monarquista, o próprio Moreira Pinto que foi abolicionista e republicano democrata, e ainda os liberais que eram contra a abolição da escravidão.

É importante ressaltar que no ano de seu retorno à São Paulo já estava instaurado o Código de Posturas do Município de São Paulo<sup>50</sup>, pertinente ao perímetro urbano que irá traçar havia “uma teia invisível e silenciosa que se estende sobre o território da cidade”<sup>51</sup>, através da descrição dos locais por onde passou, torna-se evidente como a cidade tratou de afastar aos olhos o que era indesejado.

---

<sup>48</sup> GASPAR, IX.

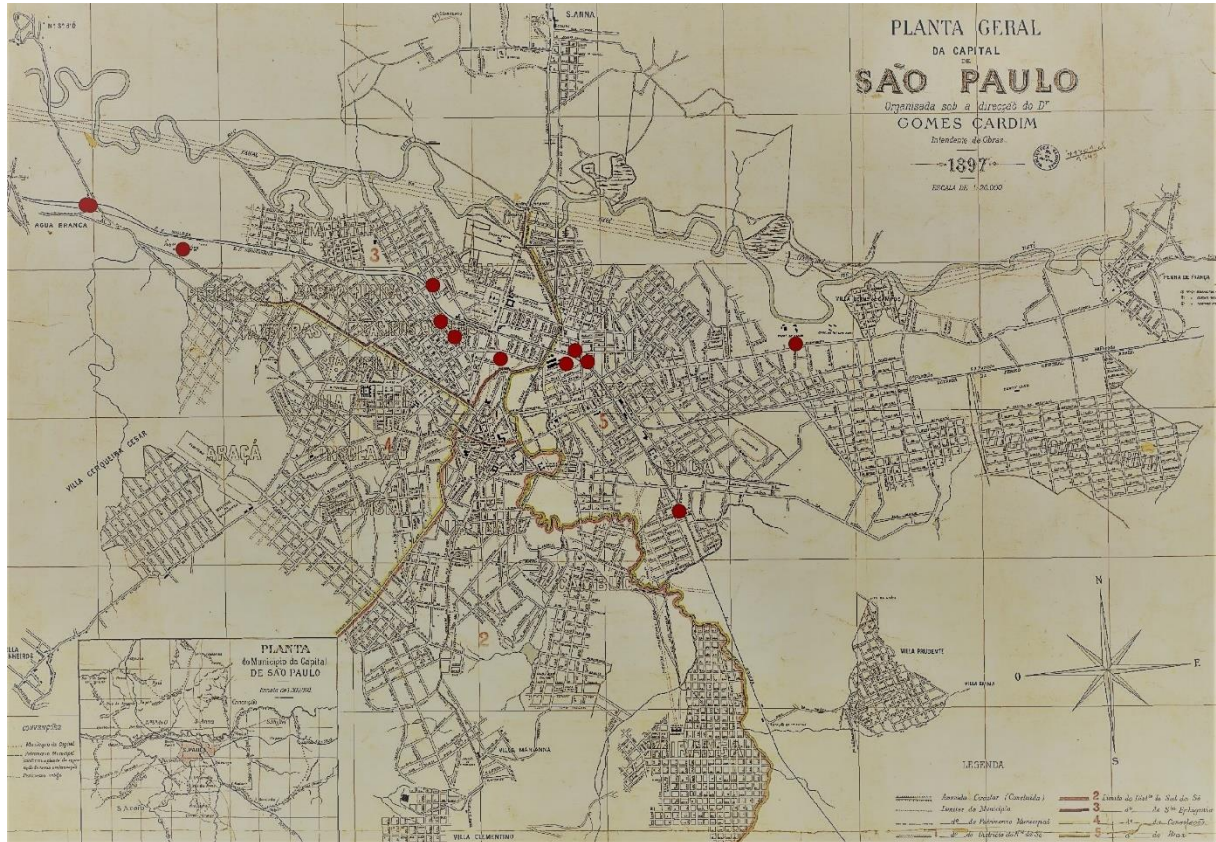
<sup>49</sup> Ideia defendida por Renato Lessa em seu livro “A Invenção Republicana”, onde citava o “descompasso” da aplicação de políticas internacionais no Brasil após o exílio da família real.

<sup>50</sup> Código de Posturas do Município de São Paulo, de 6/10/1886.

<sup>51</sup> ROLNIK, Raquel. Para Além da Lei. Legislação Urbanística e Cidadania (São Paulo 1886-1936).

Um exemplo disso é o tópico XX, “Fábricas”, as quais já se encontram dispostas na Água Branca, Brás e Bom Retiro. Locais afastados da vida elitista no centro e bairros residenciais.

Figura 18 – Mapa apresentando os pontos fabris produzido através do gvSIG



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

A voga do bem morar nesse período era a busca por bairros afastados da sujeira, com belas visões como o autor descreve o *Boulevard Burchard*<sup>52</sup>, o pensamento higienista da época também influenciaria nos limites da cidade e nos padrões arquitetônicos. A prefeitura passa a exigir, por exemplo, a partir de maio de 1893 as plantas das novas construções além de ar e luz nos dormitórios<sup>53</sup>.

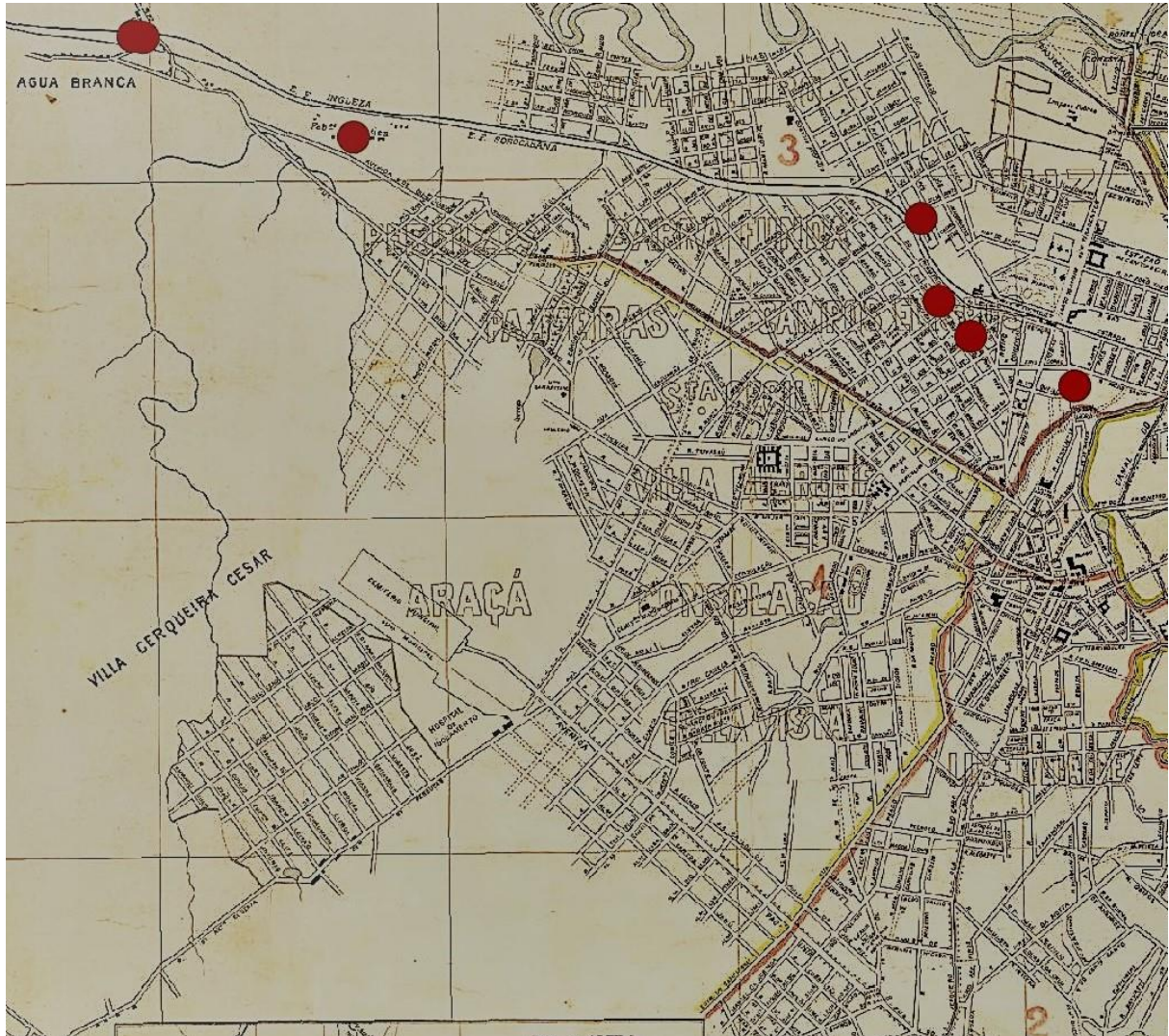
O recorte a seguir está localizando o que se refere ao *boulevard*, residências mais afastadas do centro que nessa época acolheram os hotéis e quartos de aluguel, longe do burburinho, da sujeira e gritaria, das vilas operárias.

<sup>52</sup> PINTO, p. 250

<sup>53</sup> LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. A república ensina a morar (melhor). Ed. HUCITEC. São Paulo, 1999. p. 29.

Primeiro os loteamentos dos alemães Glette e Nothmann, depois Burchard, um teuto-paulista e empreendedor arrojado, nas palavras do autor, que se aproximava da avenida Paulista e possuíam visão privilegiada por estar a uma estimativa de cinquenta metros acima da cidade<sup>54</sup>.

Figura 19 – Recorte do mapa de 1897 apontando para a disposição de lotes projetados para residências



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Em 1894 o primeiro Código Sanitário era lançado, impondo regras e limites nas construções, decisão essa que veio pautada na crise sanitária após o surto de febre amarela. Ao contrário do que se pode pensar, essas regras aparecem após a abolição, visando um local seguro

<sup>54</sup> PINTO, p. 250.

para recepcionar a nova mão de obra, os imigrantes, que também cumpriram um papel de “embranquecimento” da população.

Para esse episódio, é importante colocar o que Rodrigues descrevera,

Epidemias, como as de varíola e febre amarela, não eram novidades no Brasil escravista, mas o investimento para trazer a mão de obra estrangeira já assumia, naquele momento, um caráter de obra civilizadora que não era aplicável ao tráfico de escravos africanos – atividade que persistiu por cerca de 300 anos, durante os quais foram enfrentadas epidemias severas, tanto a bordo como nos locais de embarque dos cativos<sup>55</sup>.

Nesse cenário que Moreira Pinto encontra uma cidade “italiana”, deixando o os traços paulistas que julgava ser as calças de brim, paletó saco e chapéu de palha e adquirindo costumes aristocráticos<sup>56</sup>.

### 3.1 PAULICEIA 1900 E PAULICEIA 2.0

Na História não é novidade a relação com a disciplina de Geografia, como percebemos na trajetória de Alfredo Moreira Pinto como professor, e mesmo atuando separadamente na difusão e especialização dos saberes com o passar do tempo, essas informações se complementam.

Percebemos ao longo da história da historiografia a possibilidade de demais abordagens, como vemos a partir da Escola dos Annales, uma delas lançada por Braudel ao escrever “*O Mediterrâneo*” abarcando tais saberes e influenciando ideias com a finalidade de trabalhar o tempo e espaço, afastado de uma ótica positivista.

A proposta desse trabalho seguiu a mesma orientação no que cerne as junções de saberes, por alguns anos deixados de lado, mas com as novas possibilidades de ilustração: as humanidades digitais, que nos trouxe uma ferramenta onde não apenas observamos um mapa, mas alimentamos com descrições nos pontos selecionados pautados na pesquisa histórica, utilizando a ferramenta (ou programa) de Sistema de Informações Geográficas (SIG). Como bem colocado por Gil<sup>57</sup>, o propósito final é a produção de um mapa que representa a pesquisa, ou ajudam eles mesmos na pesquisa apresentando dados para novas análises.

---

<sup>55</sup> RODRIGUES, Jaime. Da chaga oculta aos dormitórios suburbanos: notas sobre a higiene e habitação operária na São Paulo de fins do século XIX. In: Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893). Org. Simone Lucena Cordeiro. São Paulo. Imprensa Oficial, 2010. p. 80.

<sup>56</sup> PINTO, p. 9.

<sup>57</sup> GIL, Tiago Luis. Cartografia digital para historiadores: algumas noções básicas. In: Marilda Santana da Silva; Ana Célia Rodrigues. (Org.). História, arquivos e mídias digitais. 1ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, v. 1.

Reforçando o que foi dito anteriormente, o SIG por sua vez, segundo a colocação de Laguardia,

(...) proporciona, entre outras vantagens, a sistematização da informação geográfica e isto incentiva o pensamento para novas formas de sistematizar e representar informações que ainda não estão georreferenciadas, como as informações das tradicionais fontes históricas. Essa abordagem metodológica tem convencido os professores que o domínio do SIG possibilita categorizar, integrar, analisar e visualizar dados e informações no tempo e espaço em variados níveis de escala, tudo isso a partir de um único questionamento aos estudantes, após a apresentação de um tema histórico: “onde?”. A competência em relacionar a informação ao seu devido espaço e tempo em um sistema de dados integrados tem significado importantes implicações para os estudos em história e geografia, além de ser o desejável se considerados os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao nível pedagógico.<sup>58</sup>

Ao mencionar seleção, é outro critério utilizado não apenas ao retratar uma cartografia, mas a intenção de sobressair determinadas informações, de caráter intencional ou não.

No presente caso segue o que foi relatado na descrição de viagem do autor, este com suas orientações, saberes acadêmicos e experiências pessoais, carregado de atributos de seu tempo.

Preocupando-se com a estética do mapa gerado no gvSIG e o bem entender do espectador, julguei pertinente separar os capítulos do livro em camadas e aplicar os pontos no mapa referente a cada capítulo, além de que a escolha da utilização dos pontos seria pertinente para manter uma regularidade visual na área edificada e para os logradouros a utilização de linhas, essa preocupação diz respeito à função dos “mapas serem um meio de comunicação na medida em que sua linguagem permite ao leitor da informação compreender os fenômenos que estão sendo apresentados”<sup>59</sup>. E levando em consideração que alguns relatos dizem respeito as praças ou ao monumento que não constam endereços e números para referenciá-los.

A utilização da plataforma Pauliceia 2.0 tem um caráter primordial para manter a memória do que um dia existiu na cidade em suas camadas temporais, resistindo ao apagamento intencional ou não, de prédios e limites territoriais.

Baseada nas descrições e endereços do autor, alguns dos pontos ficam visíveis (ou estariam eternizados pela memória coletiva? A narrativa predominou mais que a estrutura

---

<sup>58</sup> LAGUARDIA, Rafael Martins de Oliveira. História Georreferenciada e a categorização de informações. Revista Educação em foco. UFJP, vol 23, n2. Juiz de Fora, EDUFJF, 2015. p. 564.

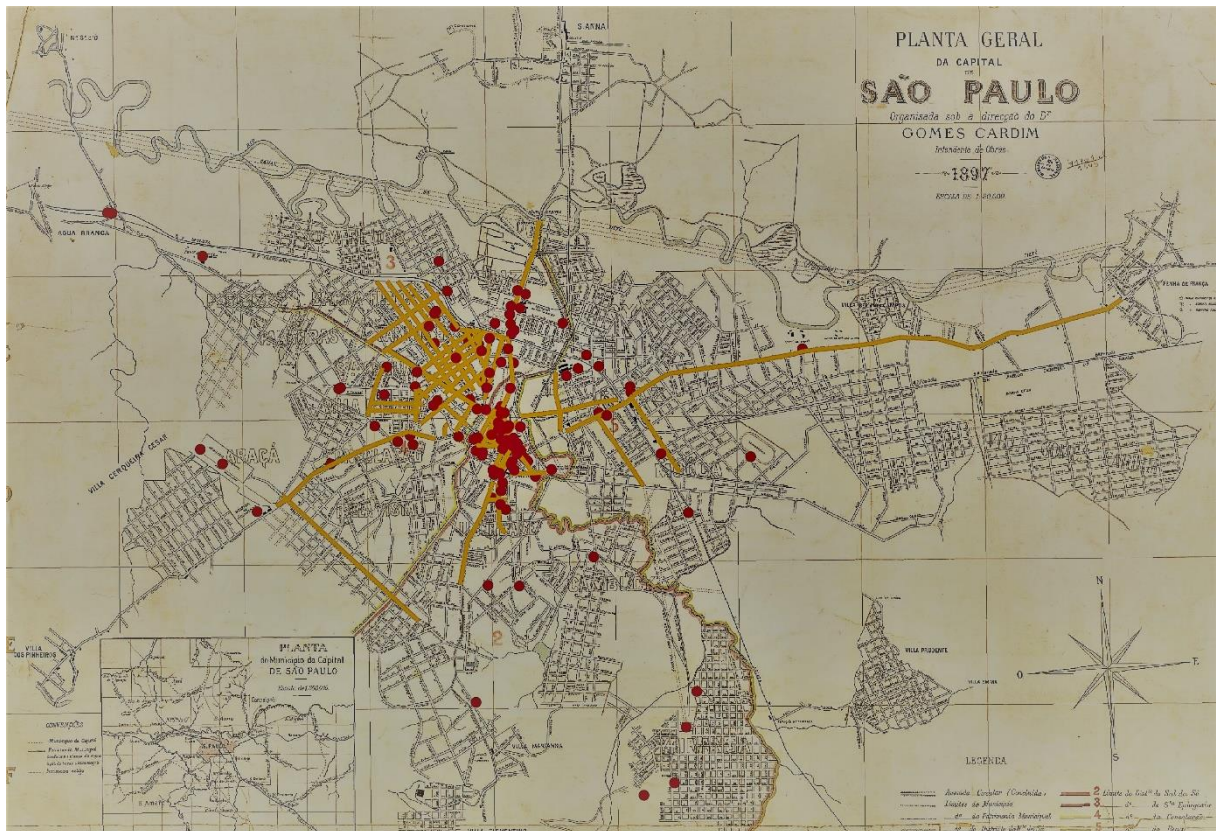
<sup>59</sup> CASTELLAR, Sonia. RAIMUNDO, Silva Lopes. Representações do espaço: a cartografia. Escolas Associadas. p. 31.

edificada a qual bastando apenas mencionar uma esquina ou junção de ruas que lá estava o ponto referido sem dúvidas?) enquanto outros mantêm seu silêncio na história.

Para localizar esses pontos críticos utilizei as publicações em jornais aliadas às imagens retratadas por Militão, Gaensly, Manuel e Ferrez, as quais fiz uso de algumas no capítulo anterior, que retrataram a cidade em épocas diferentes, assim começa a fechar o cerco para uma possível resolução do problema, além da comparação de mapas da cidade de São Paulo dos anos de 1881, 1895, 1905, 1913 e 1928. Os quais apresentam as modificações das extensões de ruas e trocas de logradouros e numeração<sup>60</sup>.

O mapa a seguir é o resultado da pesquisa a partir dos pontos que o autor cita, a imagem gerada pelo programa gvSIG, o mapa apresenta todas as camadas ativas, sendo os pontos vermelhos atribuídos às edificações, monumento, praças e jardins e os traços em amarelo correspondendo aos logradouros, as leituras acerca das transformações sofridas na cidade podem ser visualizadas e assim trabalhadas a partir de novas propostas e abordagens didáticas.

Figura 20 – A cidade de São Paulo segundo os apontamentos de Alfredo Moreira Pinto



Fonte: Mapa do Arquivo Público do Estado de São Paulo

<sup>60</sup> No ano que o presente trabalho aborda, 1899, os logradouros não possuíam numeração definida por lei, apenas a partir de 1929 com o Código Saboya que essas definições seriam aplicadas.

O resultado da contribuição à plataforma pode ser acompanhado no site<sup>61</sup>, e por ser dinâmico e colaborativo as informações podem sofrer acréscimos.

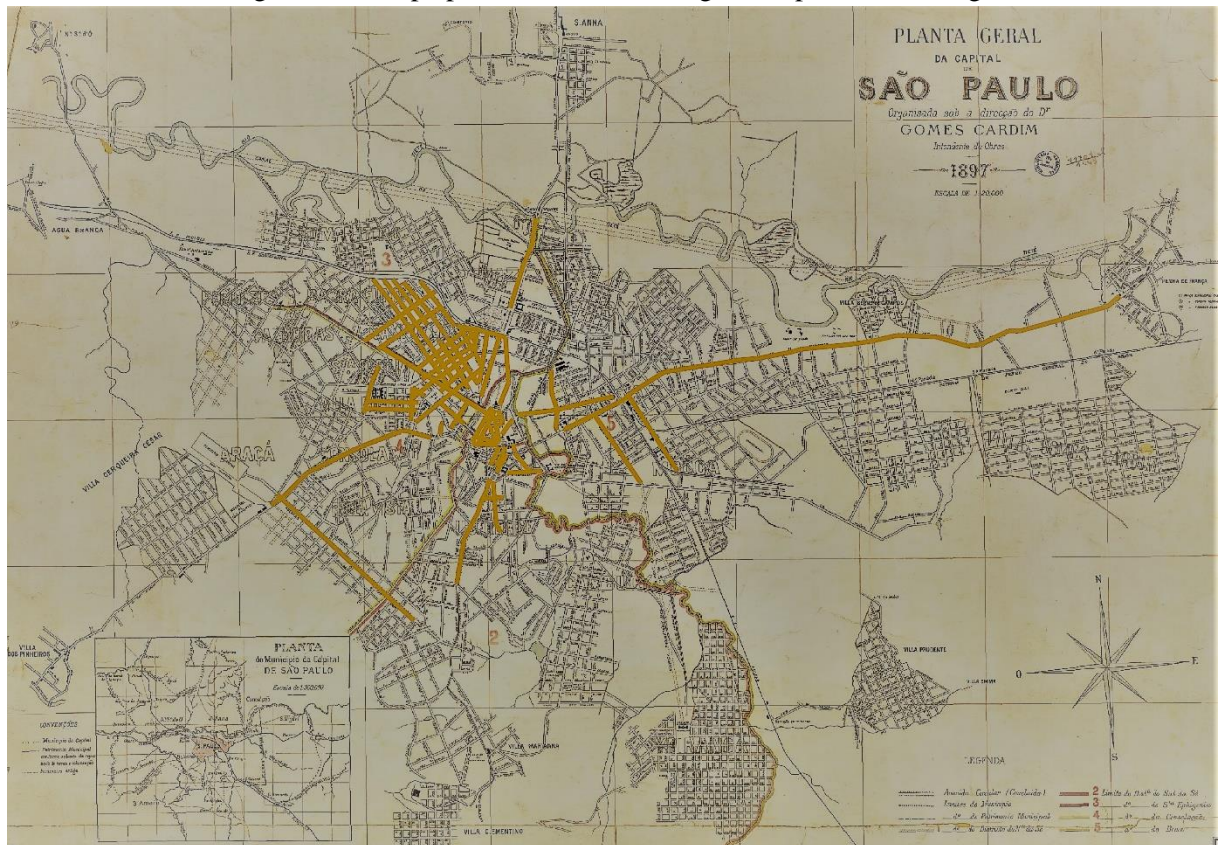
De acordo com o autor a imagem seguinte apresento as ruas e alamedas (traços amarelos) pelas quais ele caminhou, observa-se uma concentração de informações no Triângulo e nos Campos Elísios, entendendo assim que foram os logradouros que despendeu mais atenção.

Atentando para um equívoco na escrita, onde o autor troca a posição de duas ruas com nomes parecidos, apresentei no mapa com a posição correta a partir da comparação dos mapas, sendo ela a rua Bento de Freitas<sup>62</sup>, que se estende do Largo do Arouche à rua do Ipiranga, a qual foi trocada por Rego de Freitas, uma rua paralela.

A descrição das ruas Vitória e General Osório também apresentam equívoco com relação ao largo a que se refere.

Diz o autor que ambas acabam no largo dos Guaianases, mas a rua General Osório se inicia no largo de seu nome e termina no largo do Arouche, e paralela a rua Vitória que inicia na rua do Bom Retiro e termina no largo do Arouche.<sup>63</sup>

Figura 21 – Mapa produzido através do gvSIG apontando os logradouros



Fonte: Mapa do Arquivo Público do Estado de São Paulo

<sup>61</sup> Disponível em < <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/porta/home> >.

<sup>62</sup> PINTO, p. 244.

<sup>63</sup> *Idem*, p. 240.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa para elaborar o mapa final ocorreram algumas questões que podem ser pensadas a longo prazo.

Dentre elas, talvez a mais evidente, é se deparar com um mapa que ainda faz sentido na atualidade no que cerne sua estrutura de zoneamento, visto que em muitos pontos localizados no ano de 1899 permanecem os lotes ou quadras estáticas, levando a pensar que apenas o externo foi modificado de acordo com a demanda temporal, de gosto estético ou tecnologias dos produtos da construção civil.

Também foi observado o percurso que o autor tomou para descrever em seu livro, excluindo o que já era de intenção na cidade: os excluídos, o que era indesejado à visão. Seguindo uma linha que evidencia o progresso, onde seus agentes têm nome, ocupam posições elevadas, seguem a moda instaurada e recusa o que é contrário a isso.

Muito se falou das construções e dos novos ares de São Paulo, seus costumes do bem vestir e pontos de diversão, o polo industrial que se firmou devido os trilhos do progresso, porém a mão-de-obra que ergueu a cidade é silenciada. Obra típica da visão positivista e da vivência do autor, um homem de seu tempo.

A utilização dos guias e memórias, como a obra trabalhada, colaboraram para aumentar a base de dados, com informações que se perderam ou não chegaram a ser registradas, mesmo com uma área delimitada pelo autor e carregada de sua visão de mundo, as informações combinadas às fotos históricas conseguiram contribuir para fechar algumas lacunas.

O dinamismo atribuído às ferramentas utilizadas para ilustrar o cenário do livro que foi apresentado, tem seu lado positivo uma vez que torna a busca pela informação mais acessível, porém a inclusão das mesmas requer um entendimento no campo digital, além do manejo com a pesquisa histórica, sendo assim o utilizador da plataforma necessita de orientação detalhada para incluir as informações, o que aponta para um trabalho que mesmo colaborativo em que a plataforma está aberta para o acesso de todos, nem todos estão aptos para essa tarefa.

Ao gerar um arquivo compatível em tese para a plataforma, a inclusão do mesmo se depara com algumas barreiras que só o suporte pode resolver, acusando através de códigos o erro ocasionado após o envio.

Por fim, ao superar esses detalhes, apresenta-se a ilustração da pesquisa, viabilizando um novo material para o público.



## REFERÊNCIAS

- BRESCIANI, Maria Stella. Percursos Topográficos e afetivos pela cidade de São Paulo. Memorialistas, viajantes, moradores, literatos e poetas. **Redobra**, [Salvador], v. 5, n. 13, p. 173-200, 2014. Semestral.
- BRUNO, Ernani Silva. **História das Tradições da Cidade de São Paulo**. Ed. José Olympio. São Paulo, 1953.
- BURKE, Peter. A Era Braudel: o mediterrâneo. In: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2010. Cap. 3. p. 49-73. Tradução de Nilo Odalia.
- CORDEIRO, José Pedro Leite. **Dois Centenários em 1947**. IHGSP. São Paulo, 1947.
- CASTELLAR, Sonia; RAIMUNDO, Silvia Lopes. **Representações do espaço: a cartografia**. São Paulo: Escolas Associadas, [20--].
- COSTA, Maria Izabel Sanches. Política de saúde - política de segurança: manicômio judiciário, entre o hospital e a prisão. **Revista do Arquivo**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 144-160, out. 2017. Semestral.
- GABINA, Antonio José. Nota de Falecimento. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 3. 06 out. 1870. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_06/1409](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/1409) Acesso em: 07 fev. 2021.
- GABINA, Veracidade do Testamento de Dona Maria Jose Felicissima. Publicações a pedido. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 1. 25 fev. 1871. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_06/2113](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/2113) Acesso em: 07 fev. 2021.
- GERAIS, Notícias. Doação para a Irmandade. **Gazeta de Noticias**. Rio de Janeiro, p. 1. 16 ago. 1900. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/103730\\_04/1110](http://memoria.bn.br/DocReader/103730_04/1110) Acesso em: 19 jan. 2021.
- GIL, Tiago Luis. Cartografia digital para historiadores: algumas noções básicas. In: Marilda Santana da Silva; Ana Célia Rodrigues. (Org.). **História, arquivos e mídias digitais**. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013, v. 1, p. 94-114.
- LAGUARDIA, Rafael Martins de Oliveira. História Georreferenciada e a categorização de informações. **Educação em Foco: Revista de educação**, Juiz de Fora, v. 2, n. 23, p. 553-570, maio 2018. Quadrimestral.
- LEMO, Carlos Alberto Cerqueira. Os primeiros códigos da República. In: LEMO, Carlos Alberto Cerqueira. **A República ensina a morar (melhor)**. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 29.
- LESSA, Renato. **A invenção republicana**. Cadernos da Escola do Legislativo, Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, v. 5, n. 10, p. 10-37. jan./jul. 2000.
- MUNICIPAL, Intendencia. Gazetilha. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 1. 26

fev. 1890. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_08/367](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/367) Acesso em: 19 jan. 2021.

PINTO, Alfredo Moreira. **A cidade de São Paulo em 1900**. Ed. Fac-similada. Coleção Paulística, v. XIV. São Paulo: Governo do Estado, 1979.

PINTO, Alfredo Moreira. Ao Publico. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 6. 04 jan. 1877. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_06/14924](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/14924) Acesso em: 07 fev. 2021.

PINTO, Alfredo Moreira. Notas e Notícias. **Lavoura e Commercio**. Rio de Janeiro, p. 1. 14 fev. 1900. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/817333/658> Acesso em: 19 jan. 2021.

PINTO, Alfredo Moreira. Requerimentos: publicação do livro Monographia da cidade de São Paulo. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 2. 24 dez. 1899. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_08/34492](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_08/34492) Acesso em: 07 fev. 2021.

PINTO, Alfredo Moreira. **Suplemento aos Apontamentos para o Dicionario Geographico do Brazil**. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial, 1935.

PUBLICAÇÃO, Oficialização do Título da Obra e. A Cidade de S. Paulo. **O Paiz**. Rio de Janeiro, p. 1. 24 jun. 1900. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_03/879](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_03/879) Acesso em: 19 jan. 2021.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Franco da Rocha e publicação de suas ideias: uma análise do meio social na explicação etiológica da loucura**. Cadernos de História da Ciência, v. 6, n. 1. São Paulo, jan./jun. 2010.

RODRIGUES, Jaime. Da "Chaga Oculta" aos dormitórios suburbanos: notas sobre a higiene e habitação operária na São paulo de fins do século XIX. In: CORDEIRO, Simone Lucena. **Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893)**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010. p. 80.

ROLNIK, Raquel. Para além da lei: legislação urbanística e cidadania (São Paulo 1886-1936). In: A SOUZA, Maria Adelia; LINS, Sonia C; SANTOS, Maria do Pilar C; SANTOS, Murilo da Costa. **Metrópole e Globalização: conhecendo a cidade de São Paulo**. São Paulo: Cedesp, 1999.

ROSA, Santos. O bacharel em letras Alfredo Moreira Pinto. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, p. 1. 14 dez. 1870. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_06/1747](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_06/1747) Acesso em: 07 f

# ANEXOS

Planta da cidade de São Paulo em 1881



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo



Planta geral da cidade de São Paulo em 1897 utilizada no trabalho



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

## Planta geral da cidade de São Paulo em 1905



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

Planta da cidade de São Paulo em 1913



Arquivo Público do Estado de São Paulo - Memória Pública

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

## Planta da cidade de São Paulo em 1928



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo